

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS DE TERESINA ACERCA DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA

**Cleânia de Sales Silva**

Universidade Federal do Piauí

cleaniasales@ig.com.br

## RESUMO

Este artigo objetiva discutir as representações sociais dos jovens teresinenses acerca da educação e da escola, captadas através da Técnica de Associação Livre de Palavras. Tal técnica foi aplicada com 100 jovens, escolhidos aleatoriamente dentre aqueles que já haviam participado da 1ª etapa da pesquisa, respondendo a um questionário. As palavras indutoras utilizadas foram educação e escola. Os dados coletados foram analisados à luz da Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a Teoria do Núcleo Central de Abric. Nessas análises, constatamos que os jovens teresinenses têm uma representação positiva de educação, associando-a à cidadania, desenvolvimento, formação e futuro. A escola é, para os jovens, um lugar onde se aprende, se educa, se adquire conhecimentos e se estabelece relacionamentos e amizades, entretanto, essa representação não contempla a imagem do professor, nem a atividade de estudo, visto que a escola enquanto um ambiente de estudo e o professor como participante dessa instituição foram pouco mencionados entre os sujeitos. Este fato nos revela a necessidade de se rever o próprio papel desse profissional e as atividades que têm sido desenvolvidas por ele no contexto escolar.

A situação do jovem brasileiro em relação a escolaridade tem sido alvo de muitos estudos e pesquisas. Apesar de serem relativamente altas as taxas de escolarização no país – de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNDA) de 2001, a situação educacional dos jovens brasileiros ainda é precária. A alta incidência de repetência e de evasão e a grande defasagem entre a situação escolar nas áreas urbanas e rurais mostram que, no Brasil, a possibilidade de que a educação escolar seja um instrumento para atingir níveis mais elevados de desenvolvimento econômico, de bem-estar social e de exercício da cidadania está comprometida.

Algumas pesquisas têm apontado diversos elementos como causas para esta situação, desde a falta de condições socioeconômicas para o jovem se inserir e permanecer na escola, como por exemplo o ingresso precoce no mercado de trabalho; passando pela inadequação do ensino às necessidades e anseios da juventude e pelo estabelecimento de padrões avaliativos que discriminam e estigmatizam o jovem das

camadas sociais menos favorecidos, até os valores familiares e a falta de perspectivas e esperanças dos jovens em relação à educação e à escola.

Se por um lado nos deparamos, em nível de Brasil, com um número expressivo de estudos acerca da escolaridade do jovem, em nível de Piauí, presenciemos uma ausência de trabalhos significativos que apontem a situação dos jovens piauienses, principalmente no que se refere à escolarização.

Em Teresina, capital do Piauí, segundo os dados do censo demográfico de 2000 (IBGE), a população juvenil totaliza 228.178 jovens, em um intervalo etário entre 15 e 29 anos, correspondendo a 32% da população geral da cidade. Contudo, não sabemos o que fazem os jovens de Teresina, em que condições socioeconômicas vivem, como tem ocorrido o seu processo educativo, que experiências têm vivenciado no sistema escolar, como se sentem nas instituições de ensino, que caminhos têm percorrido em relação à escolarização, o que pensam sobre a educação e a escola e quais as implicações disso nos seus processos de profissionalização e autonomia pessoal.

Esta falta de conhecimento acerca da realidade educacional dos jovens teresinenses nos fez desenvolver uma pesquisa<sup>1</sup> que teve como objetivo analisar as trajetórias escolares vivenciadas pelos jovens teresinenses e as representações sociais que compartilham acerca da educação e de escola, procurando compreender os mecanismos de construção dessas trajetórias e os elementos que constituem o universo representacional dos sujeitos acerca da temática, bem como as influências familiares, sociais e culturais nesses processos e os seus efeitos na profissionalização e autonomia pessoal do jovem teresinense.

As questões que nortearam o trabalho investigativo foram as seguintes: Qual é a trajetória escolar dos jovens de Teresina e como ela se caracteriza? Que sentidos esses jovens atribuem à educação e à escola e quais as implicações desses sentidos nas suas atitudes em relação ao estudo escolar? Até que ponto as representações sociais desses jovens acerca da educação e da escola influenciaram suas trajetórias escolares e vice-versa? A partir destes questionamentos outras questões foram surgindo: Qual o perfil do

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é parte de uma pesquisa maior intitulada “A condição juvenil em Teresina”, desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre a Criança e o Adolescente (NUPEC) da UFPI em parceria com o Núcleo de Educação, Sociedade e Cultura (NESC) também desta IES. A citada pesquisa constituiu-se de 6 subprojetos investigativos, sendo um deles a pesquisa a que se refere neste trabalho.

capital econômico, cultural e social dos jovens? Até que ponto o capital econômico, cultural e social dos jovens influenciou suas trajetórias escolares e os sentidos atribuídos à educação e à escola? Que elementos podem ser elencados como influenciadores da seleção, inserção e permanência desses jovens na escola? Que novas trajetórias escolares esses jovens almejam?

A investigação acerca das trajetórias escolares e das representações sociais da educação e da escola compartilhadas pelos jovens de Teresina-PI foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa foi aplicado um questionário com 739 jovens das diferentes zonas da cidade de Teresina, com idade compreendida entre 15 e 29 anos. Esta amostra probabilística foi definida pelo Instituto de Pesquisas de Opinião do Piauí (IPOP), tendo por base os setores censitários do IBGE, conforme previsto no projeto “

O questionário continha questões gerais sobre as condições socioeconômicas e culturais dos sujeitos, objetivando traçar o perfil socioeconômico e cultural destes e questões específicas relacionadas ao trabalho, ao lazer, às organizações juvenis, à religiosidade, à sexualidade e à educação, com o intuito de compreender como vivem estes jovens em relação a estes aspectos. No que tange às questões referentes à educação (o nosso subprojeto investigativo), a pretensão era resgatar a herança cultural dos sujeitos e o percurso desenvolvido por eles no seu processo de escolarização, subsídios importantes para a compreensão da constituição das suas trajetórias escolares e de suas representações sociais sobre a educação e a escola.

Na 2ª etapa buscou-se captar as representações sociais compartilhadas pelos jovens teresinenses acerca da educação e da escola. Segundo Moscovici (1978), a representação social é uma forma de conhecimento que articula diferentes elementos, tais como conceitos, explicações, valores, concepções, imagens, crenças, atitudes, que é construído nas interações sociais estabelecidas e que tem como função orientar os comportamentos e a comunicação entre os indivíduos e grupos. Dessa forma, o estudo sobre as representações sociais que os jovens têm acerca da educação e de escola é de fundamental importância para compreender melhor o processo educacional vivenciado por eles e as relações que estabelecem dentro do ambiente escolar e com a própria escola.

Para captar essas representações sociais foi aplicada a Técnica de Associação Livre de Palavras. Conforme Abric (1998), essa técnica é um tipo de investigação aberta

que consiste em desencadear a fala a partir de uma palavra indutora, demandando dos participantes a produção de idéias que lhes vêm à mente ao ouvir a palavra desencadeante, permitindo assim evidenciar os universos semânticos de palavras que se agrupam em determinadas populações. Para o teórico, a associação livre de palavra é um valioso instrumento de captação de representações sociais, visto que traz a tona o universo semântico do objeto em estudo, permitindo-nos acessar aos elementos latentes que seriam ignorados ou mascarados em produções discursivas, mas que fazem parte do conteúdo da representação social.

Na nossa pesquisa, a técnica de associação livre foi aplicada com 100 jovens, escolhidos aleatoriamente dentre aqueles que responderam ao questionário. As palavras indutoras utilizadas foram educação e escola. Os sujeitos foram solicitados a expressarem, de forma livre, até 3 palavras que primeiramente lhes vinham à cabeça ao ouvir a palavra educação e depois as que lhes vinham à mente ao ouvir a palavra escola,

As informações colhidas através dessa técnica foram analisadas tomando como base a Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a Teoria do Núcleo Central proposta por Abric. Essa última teoria defende a necessidade de trabalhar a idéia de centralidade na organização da representação social. Abric (2000, p. 31) afirma que “a organização de uma representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos que dão significado à representação”. Segundo o autor, por mais que as representações sociais compartilhadas por um grupo apresentem uma multiplicidade de elementos significativos, há sempre uma organização nestas estruturas psíquicas que centraliza esses elementos em torno de um núcleo central, o qual vai dar uma certa homogeneidade, permitindo a comunicação entre os sujeitos, ou seja, o compartilhar de um mesmo referencial simbólico em relação ao objeto.

Seguindo esse enfoque teórico-metodológico, foram contabilizadas as palavras evocadas pelos jovens investigados e observada a sua frequência de emissão. Posteriormente, elas foram agrupadas a partir de categorias elaboradas tomando como base os seus campos semânticos e a frequência destes. Para construção desses campos semânticos, como dito, foi utilizada a teoria do núcleo central de Abric, buscando identificar o elemento cerne dessas representações. Recorreu-se, também, aos estudos de Moscovici, visto que os campos semânticos são elementos subjacentes da representação social e a sua teoria oferece subsídios para se compreender o processo de

construção e elaboração dessas representações.

Este artigo objetiva discutir a análise dos dados coletados a partir da técnica da associação livre de palavras. Contudo, devido a algumas limitações inerentes a um trabalho dessa natureza, optamos, aqui, por discutir apenas alguns dos campos semânticos elencados no estudo, principalmente aqueles que tiveram maior e menor incidência no grupo investigado. Os demais campos semânticos, bem como as análises da 1ª etapa da pesquisa ficarão para discussão em trabalhos posteriores.

Em relação às representações sociais de educação compartilhadas pelos jovens de Teresina (PI), os campos semânticos mais freqüentes das palavras evocadas pelos sujeitos ao ouvirem a palavra indutora educação foram os seguintes: *aprendizagem\conhecimento\cultura* com 56,2%; *necessidade* com 33,2%; *dignidade\respeito* com 36,8%; *futuro* com 34,6%; *tudo* com 30,2%; *qualidade* com 30,2%; *responsabilidade\dever* com 30,2%; *direito\cidadania* com 30,2%; *escola\ensino formal* com 23,8%; *desenvolvimento\formação* com 21,6%; *oportunidade* com 21,6%; *prioridade* com 20%; *convivência* com 13%; *sociedade* com 13%; *emprego* com 13%; *família* com 13%; *sucesso* com 10,8%; *dedicação\esforço* com 10,8%; *ensino* com 10,8%; *má qualidade\precariedade* com 8,6%; *inteligência* com 8,6%; *professor* 4,3%; *estudo* 4,3%; *conscientização* com 4,3%; *inclusiva* 2,2%; *natureza* com 2,2%; *dinheiro* com 2,2%; e *pública* com 2,2%.

Como podemos perceber, a maioria dos sujeitos associa educação com conhecimento, aprendizagem e cultura (56,2%) e embora uma parcela significativa a relacione com escola (23,8%), não é a concepção da maioria. Este fato demonstra que, para a maioria dos sujeitos, a educação é bem mais ampla que a escola e pode ocorrer fora das instituições escolares, ou ainda, que a escola não é, prioritariamente, lócus de educação, contrariando, assim, os discursos dos estudiosos e autoridades da área (GADOTTI, 2002), da mídia e, principalmente, dos pais desses jovens que, na maioria das vezes, vêem esta instituição como o único instrumento capaz de fornecer a educação necessária para eles se tornarem cidadãos. Esta situação contraditória leva ao seguinte questionamento: Por que apesar dessa crença e desse discurso circulante, a maioria dos sujeitos não associa educação com escola?

A este respeito, infere-se que, apesar de todo esse discurso e crença instituídos, a realidade tem mostrado que a prática escolar não tem conseguido cumprir tal objetivo. Se, por um lado, há todo um discurso que circula em vários âmbitos sociais de que

através da educação o indivíduo se desenvolve integralmente, tornando-se cidadão participante no contexto em que está inserido, por outro lado, no cotidiano escolar esta educação (formação integral) não se efetiva e, assim, embora o aluno possa incorporar tal discurso, ele não consegue ancorá-lo ao conteúdo representacional que tem sobre a escola. A esse respeito, Moscovici (1978) argumenta que as representações sociais não são cópias reprodutoras de discursos instituídos, mas uma reelaboração destes a partir de suas experiências e vivências pessoais.

Por outro lado, torna-se importante ressaltar que apesar de encontrarmos uma parcela considerável de jovens que associa educação e escola (23,8%), a palavra professor teve uma frequência irrelevante, pois somente 4,3%, relacionaram educação com o profissional da educação escolar. Esse fato nos leva a duas inferências: primeiro que o professor não está significativamente presente na representação que os jovens têm de educação; e segundo que a escola não remete, para os sujeitos, à figura do professor.

Tais constatações geram-nos o seguinte questionamento: Por que o professor, profissional educacional, é negligenciado pelos jovens quando estes pensam na educação, especificamente na educação escolar? Poderíamos acreditar que a resposta para isso se dá no fato de os sujeitos verem a educação como algo que ocorre de forma natural, com a própria convivência social. Porém tal argumenta não se sustenta, pelo menos unicamente, uma vez que somente 13% associaram educação com convivência e 2,2% com natureza. Seria, então, pelo fato de que talvez o professor e a sua prática pedagógica estejam se fazendo pouco presentes no processo educativo desses jovens?

Os dados também demonstraram uma distância entre o processo educativo e a atividade de estudar a ser exercida pelos alunos, como se, para os sujeitos, a educação ocorresse independente do estudo, visto que somente 4,3% relacionaram-na com essa atividade. Acredita-se que este fato se justifica em função da crença instituída no imaginário social de que a educação se dá na própria vida, espontaneamente, não se constituindo, também numa atividade sistematizada. Contudo, 10,8% dos sujeitos associaram educação com dedicação e esforço.

Outro aspecto que pudemos constatar foi o valor bastante positivo atribuído à educação. Para a grande maioria dos sujeitos, ela é necessária, é tudo, é uma forma de garantir o futuro, de oportunizar sucesso, desenvolvimento e emprego e garantir dignidade, respeito e cidadania. Somente uma pequena parcela (8,6%) atribuíram-na valor negativo, referindo-se às condições em que ela se encontra ao associarem

educação com má qualidade e precariedade.

As palavras “qualidade” e “prioridade”, por sua vez, foram bastante associadas à educação. Em relação a isto inferimos que tal associação se refere à defesa de que a educação deveria ser prioridade e de qualidade, defesa esta bastante presente nos discursos da atualidade. Moscovici (1978) explica este fato ao afirmar que as representações sociais constituem-se a partir das experiências, dos conhecimentos, das informações e modelos de pensamentos transmitidos, cotidianamente, através da tradição, educação e comunicação social. Dessa forma, as recentes discussões de pesquisadores, estudiosos, educadores, administradores e, principalmente, da mídia no que se refere à prioridade e qualidade na educação levam os jovens a associarem educação com qualidade e prioridade, influenciando a representação social que se tem desse processo.

Em relação à predominância de uma imagem positiva da educação entre os jovens investigados pode ser justificada pela influência recebida, principalmente, dos seus pais que vêem, na educação, a chance de seus filhos conquistarem status e estabilidade financeira. Assim, a educação tem uma lógica instrumental, no sentido de que é por eles valorizada, e se alicerça no domínio dos saberes fundamentais para o sucesso, para a aquisição de emprego, a sua inclusão no mercado de trabalho, entre outros (ZAGO, 2000).

Esta imagem positiva da educação pode ser explicada pela focalização descrita por Moscovici (1978). Segundo ele, os interesses e as necessidades dos indivíduos levam-nos a focalizar alguns elementos (em detrimento de outros) do objeto em questão, influenciando significativamente na representação que terá deste objeto. Assim, tendo em vista a necessidade e o interesse desse segmento populacional estar focalizado em uma perspectiva de futuro atrelada ao sucesso e à garantia de emprego, justifica-se a associação que se faz da educação a estas perspectivas.

Se tomarmos esses campos semânticos analisados, podemos enquadrá-los em três grandes eixos, descritos a seguir por ordem de frequência: o eixo que se refere aos *objetivos\importância* da educação, o qual engloba os campos semânticos: aprendizagem\conhecimento\cultura, dignidade\respeito, futuro, tudo, direito\cidadania, desenvolvimento\formação, oportunidade, emprego, sucesso inteligência, conscientização, inclusiva e dinheiro; o eixo que se refere à *forma de aquisição da educação*, constituído pelos seguintes campos semânticos: escola\ensino formal,

convivência, sociedade, família, ensino, professor, estudo e natureza; e o eixo que se remete às *condições\modo de efetivação da educação*, englobando: prioridade, qualidade, responsabilidade\dever, má qualidade\precariedade e público.

Analisando a quantidade de campos semânticos e a suas frequências, constatamos que o eixo mais freqüente se refere ao eixo “objetivo\importância da educação”, o que nos remete a afirmar que a representação social de educação compartilhada pelos sujeitos, apesar de se constituir de muitos elementos simbólicos, está organizada a partir de uma característica específica que, como explica Abric (2000), se refere ao seu núcleo central. O núcleo central da representação de educação compartilhada pelos jovens é, pois, a própria importância que se atribui a ela, no caso uma importância bastante expressiva, caracterizada, predominantemente, por crenças, imagens e valores positivos.

No que tange às representações sociais compartilhadas pelos jovens teresinenses acerca da escola, os campos semânticos mais freqüentes das palavras evocadas pelos sujeitos foram os seguintes: *aprendizagem* com 30%, *educação* 25%, *conhecimento*, *aluno* e *relacionamento* com 16% cada, *ensino* e *futuro* com 13% cada, *qualidade* e *responsabilidade* com 11% cada, *professor* e *desenvolvimento* com 9% cada e *estudo* com 2%. Várias palavras foram evocadas apenas 1 vez entre os sujeitos. Em função da insignificância da suas aparições e da impossibilidade de agrupá-las em campo semânticos, elas foram agrupadas na categoria *outros*, tendo ao todo 48% de freqüência.

Como descrito, os campos semânticos que tiveram maior freqüência de aparição entre os sujeitos foram: *aprendizagem*, *educação*, *conhecimento*, *aluno* e *relacionamento*, o que significa dizer que a escola para os jovens é um lugar onde se aprende, se educa, se adquire conhecimentos e se estabelece relacionamentos e amizades.

No que tange ao campo semântico “educação”, os dados revelam que, apesar de ter sido uma das mais freqüentes, não foi evocada pela maioria dos sujeitos, visto que somente 25% de jovens associaram escola com educação, Este fato vem corroborar com os dados coletados a respeito da representação social de educação, os quais revelaram que, para a maioria dos sujeitos, a educação é bem mais ampla que a escola e pode ocorrer fora das instituições escolares, ou ainda, que a escola não é, prioritariamente, lócus de educação, conforme comentado, o que nos leva a reafirmar o questionamento feito: Por que a maioria dos jovens pesquisados não associa escola com educação?



Em relação ao campo semântico “relacionamento”, podemos perceber que uma parcela significativa (16%) associou escola com este item. Acredita-se que para os jovens a escola é concebida como um ambiente no qual se convive e se conhece pessoas diferentes, sendo um espaço coletivo de relações grupais, onde ocorre a convivência com a diversidade em todos os aspectos (culturais, étnicos, religiosos...) de forma qualitativamente distinta da família e, assim, acaba sendo um lócus privilegiado que proporciona a fruição da afetividade através das conversas, discussões e paqueras. (DAYRELL, 2008).

Como na juventude, tal como afirma Aberastury e Knobel (1981), as relações com iguais e a tendência grupal passam a ser um dos focos dessa fase, é possível observar que essa representação se faz presente entre este universo populacional em função da influência do momento da vida dos sujeitos, pois as representações também estão vinculadas à fase de vida de cada um, não podendo serem dissociadas dos aspectos psicológicos e afetivos deste. Esta situação é ratificada por Moscovici (1978) ao se referir no fato dos indivíduos focalizarem, em função dos seus interesses elementos do objeto em questão, em face a outros. Esta focalização termina influenciando a representação que têm deste objeto.

É importante destacar, ainda, que, embora os sujeitos tenham associado escola com aprendizagem, educação e conhecimento, mostrando ser a escola um lugar onde se aprende, se educa, se adquire conhecimentos, as suas respostas revelaram que a figura do professor na escola é pouco expressiva e que esta instituição é pouco vista como um lugar de estudo, visto que somente 9% associaram a escola com o professor e 2% com estudo.

Esse conteúdo representacional nos leva aos seguintes questionamentos: Por que o professor está, de modo geral, pouco presente na representação que os jovens têm de escola? Será se o professor não está desenvolvendo uma prática pedagógica que tenha sentido para esses jovens? Por que a escola não é vista como lugar de estudo para esses jovens? Que atividades estão sendo desenvolvidas na sala de aula que não os têm levado a caracterizarem-nas como práticas de estudo? Não seria o estudo uma prática essencial na educação escolar e no processo de aprendizagem dos jovens? E o professor? Não teria ele um papel importante nesse processo? Por que, então, a inexpressiva presença do professor nas representações que os jovens têm de escola?

Essas análises remetem-nos, pois, a pensar que se a representação que os jovens

teresinenses têm de escola não contempla a imagem do professor, nem a atividade de estudo, visto que a escola enquanto um ambiente de estudo e o professor como participante dessa instituição foram pouco mencionados entre os sujeitos, reflete uma necessidade de se rever o próprio papel desse profissional e as atividades que têm sido desenvolvidas por ele no contexto escolar.

Diante dessas análises, constatamos que o conhecimento acerca das representações sociais de educação e escola compartilhadas pelos jovens investigados neste trabalho oferece alguns subsídios para uma compreensão do tipo de prática pedagógica desenvolvida na escola e, conseqüentemente, para a necessidade de uma reorganização e redimensionamento desta prática, no intuito de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais coerente com as necessidades e interesses dos alunos e, sobretudo, tornar as representações sociais que os alunos têm da escola mais compatíveis com a função que esta instituição (e os seus profissionais) deve exercer.

Por fim, defendemos que as análises ainda a serem realizadas na presente pesquisa acerca das representações sociais de educação e de escola compartilhadas pelos jovens de Teresina podem trazer elementos novos para o aprofundamento da temática, possibilitando a identificação dos fatores que atraem ou afastam os jovens da escola com conseqüências nos seus processos de profissionalização e na sua autonomia pessoal, contribuindo com a compreensão da diversidade que caracteriza a realidade juvenil e fornecendo subsídios para um melhor redirecionamento nas políticas e práticas educativas desse segmento da população.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: PAREDES Moreira, A. S. (org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio

de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: Nogueira et al. (Org). *Família e escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.